A Povoa de Varzim

Arquivo de materiais para a historia concelhia.
Edição de propaganda á praia, a primeira do país.

LITERATURA :: POESIA :: ARTE

REVISTA QUINZENARIA ILUSTRADA
de úsos, costumes e lendas — Tradições e atualidades póveiras

Informação instantânea da vida varzinense

„Mai haja aquêle que não suspira
Pela terra do bêrço onde nascêra..."
GOMES DE AMORIM.

Redação e Administração: Largo Eça de Queiroz, 11 a 15, POVOA DE VARZIM (Portugal-Norte-)

COLABORADORES:
Historicos, Manoel Silva e Bernardino Faria
Redatoriais, Viriato Barbosa e Julio Dias
Literario, Leopoldino Loureiro
Fotografico, João Lopes Pereira
Artistico, J. Nogueira

Diretor, proprietario e editor,
João Agostinho Landolt

28 DE FEVEREIRO DE 1914

N.º 8 — 3.º ANO
(Fundada em 15 d'Outubro de 1911)
Composto e impresso na
TIP. MODERNA

S. Tiago e S. Télmo

DA

Igreja da Misericordia

Para ser reconstruida, acrescentada e alterar-se o arco cruzeiro, foi demolida a capélamór da Igreja da Misericordia, em 10 d'Agosto de 1817, encontrando-se néssa ocasião, por acaso, soterrada, (1) junto dos alicérces, uma imagem de S. Tiago, Apostolo, de gêsso, ou massa petrificada, partida em três partes.

Reconhecida a sua antiguidade, por noticias que déla havia, foi reparada, restaurada e colocada no altar junto do ossoario da Misericordia, em Maio de 1822.

Constava, néssa época, que a referida imagem de S. Tiago, por todos os indicios, se julgava ser a mesma que esteve na primitiva Ermida, que houve no despovoado logar da Mata, (2), muito antes de ser Igreja Matriz, depois Misericordia.

(1) Era a sorte que tinham as imagens velhas ou inuteis.
(2) Hoje—Largo das Dôres.

« E ha tradição d'ella (imagem) *ter mais de 760 annos, e ter sido colocada na primeira Ermida, que aqui houve, antes dos Mouros dominarem estas terras. »* (1)

Por estes dizeres, escritos no livro Costumeiro da Misericordia, e sendo exatos os calculos, a célebre Ermida já existia no ano de 1062, devendo ter a imagem do Apostolo, atualmente mais de 851 anos.

Com a mudança dos altares, imagens e mais objétos que havia na igreja velha da Misericordia, para se efétivar a completa demolição, iniciada em 13 de Janeiro de 1910, e porque fôsse aquela imagem de S. Tiago com pouco cuidado transferida, ou porque as chapas de férro que a ligavam estivessem gastas pela ferrugem, o cérto é que foi encontrada esmurrada e estrangulada, como cousa inutil lançada num armario d'arrecadações !

Não sendo estranha ao secretario da Mêsa de 1908 a 1910, a sua historia e antiguidade, mandou-a mais uma vez restaurar e pintar, colocando-a em Dezembro de 1910, em um simples altar, junto do seu antigo companheiro S.

(1) A descrição vê-se no livro Costumeiro da Misericordia a fl.s 109 v.

Télmo—do qual tambem se falará adiante—, no corredor d'ingrésso para os aposentos do sêrvo da Santa Casa, á falta de melhor local, em virtude das obras da nova Igreja da Misericordia, onde devem ser colocadas ambas em ocasião oportuna.

Muitas foram as alterações e reconstruções da igreja velha da Misericordia, desde a primitiva Ermida de S. Tiago, sendo as mais importantes: em 1685, quando se preparou para ali ser instalada a Paroquia e começar a celebrar-se as cerimonias da Semana Santa; e em 17[illegible]5, quando se construiu a torre para o sino, e corredor de comunicação para a casa de despacho e depois para o hospital.

Na recente e completa demolição, que foi vigiada, retiraram-se varios materiais que foram cuidadosamente recolhidos, destacando-se de entre eles, uma porta de cantaria antiquissima, em ogiva, estando a soleira bastante gasta pelo transito, que certamente tivéra outr'ora, vendo-se na parte superior, externa, da referida porta, duas siglas

Esta porta foi encontrada obstruida com alvenaria, e coberta de grossa camada de argamassa; bem como foi encontrada grande quantidade de silharia, tambem com duas siglas

que tudo ali estava oculto, e ignorado na parêde da igreja, lado norte.

Foi mais encontrada no interior da parêde uma *carranca*, ou cantoneira, de granito, bastante gasta pela acção do tempo, aparentando ser muito antiga e presume-se que fosse uma das quatro que a primitiva Ermida tivesse, como era de costume.

Parece estarmos em presença de materiais, restos da antiga Ermida do Apostolo, da qual se faz referencia tambem na seguinte lenda:

«Consta que no logar désta Igreja da Misericordia havia uma capéla da freguesia, dizem que com a invocação de S. Tiago, pouco frequentada, por ter ao pé de si uma mata, em que se viam muitos bichos venenosos, especialmente uma grande cobra. Suplicaram os moradores á Senhora iluminasse o logar para a sua colocação, e observaram que, passando d'aí a poucos dias um nacional para o arrabalde da Vila Velha, em cujo caminho se acha uma fonte, vira este que a grande cobra largara a peçonha sobre uma pedra para ir beber agua, o qual logo animosamente lhe espalhara o venêno, e cobrindo-o com a mesma pedra, que voltára, se puzéra em fugida e dando parte do sucésso viera com os outros observar as subsequencias, e viram que a cobra se fazia em pedaços e morrêra.» (1)

*

S. Pedro Gonçalves Télmo, Sant'Elmo, ou Corpo Santo, padroeiro dos navegantes, e muito querido dos nossos homens do mar, tinha a sua imagem modelada em gêsso, ou massa endurecida, núm altar proprio, na igreja velha da Misericordia, com fama de muito milagroso, e havendo-se em sua honra realisado imponentes festas de igreja, organisadas por devotos, principalmente pescadores.

E ainda ha poucos anos, posto como estava no altar junto das caveirinhas, com o velhissimo S. Tiago, ornamentavam-lhes o altar, iluminando-os com cêra e azeite.

Algumas familias da classe piscatoria já tradicionalmente tinham em grande conta e veneração o Corpo Santo, e não se esqueciam de o enfeitar embora em local pouco asseado, onde se achava com o S. Tiago: — duas reliquias da antiguidade—.

Embora quasi do mesmo tamanho, e similhantes em estrutura, de modo algum se póde ajuisar ter a idade, atribuida ao S. Tiago, do século XI, porquanto, Sant'Elmo, segundo as cronicas religiosas, faleceu em Tuy em 1248, onde se celebram festas imponentes a 14 d'Abril.

Fevereiro de 1914.

Bernardino Faria

(1) Francisco Felix Henriques da Veiga Leal, recolheu esta lenda em 1758.

(Cliché Nóta)

Dr. David José Alves

Ilustre Presidente da Camara Municipal da Povoa de Varzim

E' o povoense que tem dado maior auxílio ao progresso désta Povoa de Varzim, ha um bom numero d'anos para cá.

Sua ex.ª sempre devotou á sua terra o melhor do seu esforço, para pôr o nome désta praia em destaque, como a primeira estancia balnear maritima do norte de Portugal, tendo-lhe prestado relevantes serviços.

Após o seu assento na presidencia da Camara Municipal dêste concelho, êle deu tantas provas do seu amôr á Povoa, que a atestar este facto estão as propostas por sua ex.ª ultimamente apresentadas, qual délas a mais importante e urgente, e que todas, ou quasi todas, visam á higiéne publica, tratando a fundo o problêma do saneamento da vila, pela sua base primordial de limpêza:— agua potavel e esgotos.

Realmente sua ex.ª o sr. dr. David Alves era indispensavel na Camara; pois logo nas sessões do primeiro trimêstre discutiram se, acima de tudo, as necessidades mais urgentes que a Povoa apresenta. E, assim, foi unicamente sua ex.ª quem originou uma nova fase da administração camararia, versando todos os assuntos sobre os progressos mais instantes da Povoa, e de que carecia a terra para ter as boas condições e conforto exigidos núma praia de primeira ordem.

Esta homenagem, singela e simples, quer sómente testemunhar ao ex.mo sr. dr. David Alves, ilustre presidente do Senado Varzinense, a nossa muita simpatia pelas propostas apresentadas á Camara, e que vão firmar mais ainda os créditos de que gosa esta ridente praia de banhos.

Que a Povoa tenha patriotas, afirme-se; mas que dentre esses patriotas seja destacado o nome prestigioso do sr. dr. David Alves—é um preito de justiça a quem por ela tanto tem trabalhado.

J. L.

PASSATEMPO

A CARTA

(PROSA RIMADA)

—Que mais, então?

—Eu sei lá!... Não se pódem meter na carta os males do coração...

—Hum!!... Má doença te apoquenta!... E' por ela que, do mundo, muita gente se afugenta!... Mas... adiante!... Que mais queres dizer?...

—Se eu soubesse escrever...

—Então... não sabes!

—Quero dizer... fazer chorar, contar coisas suaves...

—Que dizias?...

—Que... Olhe... francamente, nas sacristias não se pódem dizer...

—Desembucha, homem... Já estou farto de esperar e nada ouvi ainda de geito!

—E' que eu guardo decôro, guardo respeito por tudo isto. Que diria de mim o Cristo e a Virgem Mãe, se eu dissésse...

—O quê?...

—Que amei tambem!...

. . . . . .

Fez-se um silencio prolongado. Depois, o velho prelado, a rir, exclamou para o ajudante:

—Vou escrever o que desejas... Velho e sabido, metido pelas igrejas, sou capaz de até sentir o que tu sentes!... Duvidas!... Se pões em duvida

apênas mentes!... Palavra que estás em êrro, meu cabeça de idióta, meu cabeça de bezêrro! Julgas que é chacóta!?... Para que me havia de servir, então, tanta résa, tanto jejum, tanto sermão!... Já estava convencido de que eras asno, mas agora, ao ouvir-te, foi o mesmo que abrir-te para uma autopsia!... Eu até pasmo de te vêr em fórma de gente!... Tão casto, tão inocente, tão receioso da morte, com sua foice, era muito mais corrente vêr-te, na minha frente, de taxa arreganhada, atirando o teu coice!... Pois tu tens mêdo de dizer que já amaste uma mulher!?... Para que nascêste?!... Não foi para amar?!!... Para que hasde, então, ocultar um sentimento que já Cristo, noutro tempo, dizia ser o mais bélo e perfeito da humanidade e tanto assim que, a virgindade, era tida como coisa fabulosa!... Não ama o lirio, não ama a rosa?! Porque não hasde amar tambem?!... E se o amôr é fabula, se o amôr é crime, seria, por ventura criminosa a santa creatura que de ti ou de mim nos foi estremosa mãe?!

. . . . . .

O pobre ajudante estava admirado!... Nunca ouvira, assim, falar esse prelado!.. Então êle, tão grave, tão sério, tambem teria algum mistério na existencia!!... Então êle não era casto, o simbolo da inocencia!... Falava assim!... Já agora queria vêr o fim!... Disséra-lhe que era capaz de escrever o que êle queria!.. Por acaso êle seria um advinho?!... Pelo sim, pelo não, benzeu-se com rosmaninho!

—Vá. Ca vai a carta para o teu velho, esse amigo leal e de fiel conselho que serviu ás ordens do rei Miguel.

O ajudante traçou as mãos atraz das costas, acercou-se da mêsa e ficou-se á espéra da surprêsa de todas aquélas lêtras mui rápidamente póstas.

O velho ia escrevendo, e ao mesmo tempo, pausado e lento, a carta lendo:

Meu bom velhote:

«Se ainda fôr viva aquela que amei, e pela qual era capaz de afrontar mil perigos, diga-lhe que siga tranquila, porque lhe perdoei, bem como a todos os inimigos. Por ela deixei o mundo, envelheci mais cêdo e, recalcando esse segrêdo, em mim senti a alma morta!... Mas diga-lhe que lhe perdôo porque o homem deve ser como a arvore de sandalo que ainda perfuma o machado que a corta!... E depois, quem sabe?... Haveria etérno amôr, eterna união?... Não nos seria a vida uma senda tormentosa!... Eu falso, ela arrependida e chorosa!... Foi talvez assim melhor!... Quem sabe se não seria um ambicioso?... Resigno-me!... Nêste isolamento tambem encontro um goso!... Côlho flôres, ornamento altares, trato do orgão e, com suas musicas salutares, cá vou passando mais alegre do que triste!... E ela? Mas... para que não resiste minh'alma á curiosidade de perguntar por ela?!... Diga-lhe que morri!... E se lh'o dissér, não mentr!... Pois não é morrer, quando se deixa o mundo, os campos, para vir para aqui jazêr!?... Mas... deixal-o!... E casou?! Ah!... Casou com outro!... Como desejaria esmagal-o!... E lá vai o pensamento pousar de novo na falsa, na inconstante!... Já a esqueci, nem um instante, sequer, ficarei pensando em tal mulher!... Adeus, meu pai!... Diga-lhe... oh! não, não diga, que o pranto me embarga a vista, que o pranto se me estrangula na garganta, que a fébre, em minhas veias, o sangue me agiganta!.. E diga-lhe que me resigno a viver distante, a viver mui longe, vestido de nêgro, vestido de monge, a vêl-a, a sonhal-a em poder doutro eleito, quando o meu ciume era tanto, que ciumes teria dúm punhal se, cravado, o visse no seu peito de sêda e de coral!... Adeus, meu pai, meu velho pai! Saúde é o que lhe desejo!... E séco as minhas lagrimas para lhe enviar, mas a si, só a si, ouviu, um apaixonado beijo!..»

. . . . . .

O velho dobrou o papel.

—Está bem?

—Tão bem, senhor, que em mim viveu todo o fogo dêsse amôr primeiro.

—Não te dizia que adivinhava...

—Pois assim se vê toda a nossa senda de abrolhos?!...

—Sim!... E' que as dôres sempre foram surgir nos olhos!

. . . . . .

O ajudante ajoelhou-se e a quasi a mêdo ia murmurando:

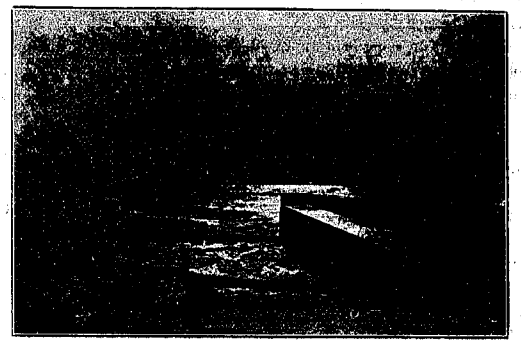
—Para que reviveste, ó minh'alma esquecida e morta!... Sim... que seja alégre... porque o homem deve ser como a arvore de sandalo, que ainda perfuma o machado que a corta!

E. de A.

O MAR

Teatro das maiores façanhas dos nossos herois, batendo raivosamente contra a escarpa do Paredão.

(Cliché—João Pereira)



1892—1914

27 DE FEVEREIRO

Manhã de fevereiro, lavada de sol. Pela praia correm pressurosos homens, mulheres e crianças na azafama louca de prestos lançarem seus bateis ao mar. A época da colheita ia adiantada e o *janeiro* tinha sido prometedor. Mais um pouco de esfôrço, uma lançada de dedicação, e a fartura doirava os lares, como a sardinha prateava as arcias, aos montões. O mar encaracolava as suas frouxas ondas e vinha fagueiro lamber as pérnas ao lóo do afadigado pescador. A confusão e a faina óra extraordinaria. Vogam os barcos, vélas pandas, acariciadas por uma flebil aragem e batidas por um sol consolador. A maragem canta; e, cá na praia, olhos de filhos, esposas e namoradas, fitam núm lampejo de amôr e de esperança a larga estrada que o barco ségue.

—*Deus vá na sua companhia!* é o murmurio dôce que labios comprimidos sufocam.

* * *

Poucas horas andadas, enorme listrão nêgro, como um vergão de remorso, debrua a ourêla do mar. E' o prenuncio dúma tempestade, iminente a despenhar-se. E as nuvens acairoladas, côr de chumbo, precipitam-se, como avalanche, e o mar sacode da sua juba os impe-

Na Fraia da Ribeira

A tragica scêna que nos oferéce o Paredão em dias de naufragio.

(Cliché—João Pereira)

tos dúm assassino. Rajadas de vento, como gargalhadas de vingança, rasgam a atmosféra e amarfanham de dôr e aflição o coração adoravel dos filhos, esposas e namoradas, que na visão do seu amôr, vêm na ferencia dúm sonho a transformação da Vida pela Morte, do beijo esperado pelos salpicos de espuma que lavaram a face dolorida do agonisante, da litania do vento que recolheu o ultimo suspiro do infortunado.

O mar refórve em cachão e a tempestade redobra de furôr.

Pela praia ajoelham e cáem as filhas dos martires, as esposas dos vencidos dêssa luta gigantêsca. O grito e o pavôr juntam-se á dantesca sinfonia do mar que brame e do vento que ulula raivosamente.

* * *

Por entre o escarcéu da revolta que anima os elementos, surge como mancheia de algodão a volitar núm rodopio, o primeiro barco. Foge espavorido, corrido pela procéla e á distancia dúm ai desaparece no torvelinho. Outro barco se lobriga, e mais ôutro, e ainda outro, e todos cáem vencidos aos golpes do mar que a essa hora soltava imprecações de assassino e do vento que gargalhava odios e vinganças.

E os valentes e ousados pescadores vinham morrer tão pérto, sem se lhes poder valêr!

Cada barco que atordoadamente e núm ultimo arranco apontava o farôl da Lapa ou demandava a barra das Cachinas, escaqueirava-se núm ranger desesperador de encontro aos recifes ou no vórtice das ondas, vasto sepulcro para a derradeira, grandiosa e herculea arrancada de tantos heroes.

* * *

Passou o 27 de fevereiro, data tragica da maior hecatombe maritima de Portugal. Nêsse dia a Povoa cobriu de veladissimos crépes o seu brazão. Morreram-lhe tantos filhos queridos que choral-os eternamente seria a imperscritivel obrigação de quem os venerou como irmãos e pranteou como conterraneos. E' nosso dever, pois, registrar o acontecimento lutuosissimo e velar de saudade a sua memoria.

Os 22 anos transcorridos depois da enorme catastrofe não conseguiram apagar, mesmo nas memorias infantis dentão, os vincos de luto, dôr e desespêro, que assolaram primeiramente a nossa vila e depois em todo o Portugal e Brazil que se descentranharam nas fulgurações mais rutilas da Caridade.

Os regelos da viuvêz e da orfandade, tiveram a aquecel-os a chama generosa do Amôr, do Bem e da Virtude!

Leopoldino Loureiro

JOSÉ AVELINO DA COSTA FARIA

José Avelino da Costa Faria, nosso querido amigo, natural de Casal de Pedro, Bagunte, Vila do Conde, faleceu em S. Tomé, em Fevereiro de 1909.

Era um espirito lucido e empreendedor, cheio de nobres iniciativas e propenso aos maiores progressos.

Tendo concluido os seus estudos em farmacia, que cursou brilhantemente, veio para esta vila estabelecer-se na primitiva Farmacia da Junqueira, á qual deu o seu nome. Depois, socegada que foi a sua canceira, dedicou-se á *elétricidade*, tendo sido o primeiro cidadão que nésta vila gosou tão magnifico sistêma de luz, chegando a obter um privilegio pela *Pilha Faria* feita de ardosia, mas sem que, infelizmente, tivesse resultados praticos.

Dedicou-se a explorar a *industria do sirgo*, obtendo grandes viveiros do bicho da sêda, que afinal via morrêr dúma fórma comovedora, á falta de folhas de amoreira, que as municipalidades criminosamente desprésam, negando auxilio a uma industria rendosa.

Em seguida, pôz no mercado o *Gonocoscucida*, especifico para as doenças venéreas, sem obter os resultados que esperava, pelo grande crédito que todos dão aos elixires e outras androminas que vêm do extrangeiro, principalmente d'América. Tambem pôz á venda o *Vermifugo Faria*.

Reunindo todos os recursos que possuia, fundou nésta vila a 1.ª Fabrica de Serração a Vapôr, denominada—*A Laborificia*—donde saíram obras perfeitissimas, competindo em prêços com as similares do Porto e Lisboa. Mas a guerra diabolica que lhe moveram os mestres carpinteiros, chegando a não aceitar construções onde a fabrica fornecêsse uma unica tábua—acabou tão generosa emprêsa, que teve de passar a uma nova parceria.

Nésta altura José Avelino da Costa Faria, desalentado e com o seu futuro comprometido, passou a sua farmacia e retirou-se para a Ilha de S. Tomé.

Lá, foi um mouro de trabalho: estabeleceu uma Farmacia, auxiliava uma Tipografia, fundou uma Fabrica de Gêlo, e, por ultimo, uma Padaria a Vapôr.

Não lhe permitiu o Destino uma longa vida, e então soube-se nésta vila que tão infatigavel trabalhador tinha deixado de existir.

(Da «Propaganda»)

Memorias historicas da vila da Povoa de Varzim

CAPITULO XXI

Dos divérsos feitos dos varões insignes que foram naturais da Povoa de Varzim.

Entre o numero dos varões esclarecidos que esta vila produziu, se distingue o ex.mo Bispo de S. Paulo, D. Fr. Manuel da Ressurreição, ultimo descendente da familia dos Cartêses, que pela sua sabedoria e virtudes foi elevado á dignidade eminente do Episcopado, na qual deu provas inequivocas da maior prudencia, ilustrando a cadeira que tão dignamente ocupou com exemplos de virtude e santidade.

Floresceu nésta vila, donde era natural, o doutor João de Sousa e Magalhães, e seu irmão o reverendo Fr. Severino da Purificação, bem como os doutores Domingos Ribeiro Pontes, e Fr. Luiz de Santa Clara, ambos eclesiasticos de reconhecido mérito e virtudes. Igualmente se distinguiram por suas virtudes e talentos Antonio Dias Camelo, Fr. Manoel de Jesus Maria, João Bernardino Leite, e D. Lourenço da Purificação, cujos nomes são ainda de saudosa recordação aos verdadeiros povoenses.

No serviço de El-Rei se distinguiu o capitão Antonio Cardia, piloto môr da real Armada na Restautação da Baía nó poder dos Holandêses, saindo de Lisboa no dia 22 de Novembro de 1624, acompanhou o general D. Manuel de Menezes, o que refére Mariz, e se vê inscrito na lapide que encobre os seus despojos. Seu irmão o capitão Diogo Dias de S. Pedro partilhou igualmente as fadigas da guerra do Brazil, comandando a nau Nossa Senhora do Guadelupe, que o comércio mandou construir na enseada dósta vila, e foi escolhida para ir na esquadra, que de Lisboa foi restaurar a cidade de Pernambuco no dia 15 de Março de 1631.

Este egregio guerreiro não só serviu gratuitamente a El-Rei D. João IV, se não que pagou a toda a tripulação da nau com o seu dinheiro, e se achou nas emprêsas mais arriscadas, - cujos documentos conservam seus descendentes e assim o refére Mariz no capitulo 3.º tratando de Filipe III de Portugal.

Outro cidadão não ménos prestante foi Antonio Batista de Almeida, cujo nome será sempre caro aos habitantes dósta vila, pelos serviços relevantes que lhe prestou nas diversas épocas em que as suas virtudes e talentos eram necessarios ao bem publico.

Ainda ha poucos anos era um provérbio entre os velhos:—«Morreu um Almeida não aparecerá tão cêdo outro.»

Muitos outros varões tem produzido esta vila, os quais seria fastidioso relatar; todavia, os seus nomes se conservam entre as suas familias, a par dos feitos civis e patrioticos que os distingue.

Se o tempo os tem feito desaparecer de entre nós, a sua memoria se conserva ilesa da mordacidade dos detratores e tem um padrão etérno nos corações dos verdadeiros povoenses e verdadeiros portuguêses.

As acções dos grandes homens são sempre um incentivo que anima a posteridade a imital-os. Possam eles despertar o patriotismo da presente geração e dirigil-a a praticar iguais feitos sem a sórdida ambição, nem interesse, senão o bem da humanidade.

Padre José Giesteira.

1851.

(ségue)

VARIEDADES

O que dizem as orelhas

Uma orelha delgada e angular anuncia quasi sempre um mau caracter.

Se os lobulos são delgados e pequenos, ha probabilidades de que o seu dono possua um espirito delicado e fino nos seus gostos.

As pessoas que teem disposições musicais teem geralmente as orelhas largamente desenvolvidas e proeminentes.

Notou-se já que quasi todos os grandes pensadores, filosofos, diplomatas e literatos, eram dotados de orelhas muito abertas, de lobulos arredondados.

As orelhas de Napoleão não eram demasiado grandes, os lobulos eram muito bem formados e correctamente recurvos.

Nas senhoras, notou-se que uma orelha que se põe vermelha facilmente, anuncia uma naturêsa amante, dôce e modesta.

Uma orelha de lobulo fino, bem arredondado e de constante brancura, é sinal dum caráter apaixonado e dominador.

Leitores: antes de escolherdes uma companheira—olhai-lhe para as orelhas...

Presigo em ouro

Um proprietario de Auglure-sur-Dun, França, possuia boas economias sob a forma de moedas de ouro de vinte, dez e cinco francos. E para pôr o seu tesouro ao abrigo de invejas e tentações, escondeu-o núma tulha de trigo.

Passaram-se tempos. Um dia, encheram algumas sacas do trigo e levaram-os ao moinho. E o moleiro meteu o trigo ás mós e foi tratar de outro assunto.

Mas um ruido insólito chamou-lhe a atenção. Oh, maravilha! Do receptaculo para as mós passavam, com o grão, reluzentas moedas de ouro!

Era tarde para fazer parar a maquina. E quando o bom do avarento acorreu e soube da desgraça de que acabava de ser vitima, ia enlouquecendo de dôr.

Calcule-se:—Transformadas as moedas numa imponderavel poeira metalica, não só perderam todo o seu valor, mas tiraram tambem todo o valor á farinha!...

A Festa da Arvore

A iniciativa benévolamente criada no ano ultimo, sob os auspicios do «Seculo Agricola», a favor da propagação e culto da Arvore, caíu como benéfica semente em ubérrimo sólo.

O nosso povo, bastante maleavel a todas as adaptações ou modalidades de costumes, olhou enternecidamente para essa consagração e culminou-a com o seu fervor entusiastico e sagrou-a com a unção do seu afectivo sentimento.

Nada mais justo nem mais justificavelmente veneravel do que a devoção que se póssa dar ás florações da Naturêsa, quando estas nos trazem beneficios sem conta, quer nos seus variadissimos e magnificentes produtos, quer ainda nas multiplas belêsas e preciosidades que encerra uma flora, exuberante de vegetação, grandiosa de pampanos, rica de frutos!

Assim a Arvore, erguida para o firmamento, na suplice exortação ou núm gesto de desafio, saúda nas suas agulhas, os revérberos do sol, as filigrânas da lua e o idilio encantadar das aves que nos trilos e gorgeios agradecem á Arvore amiga a sua protecção velada pelas franças e ramarias.

Como ajoelha comovida a alma ante esse espectaculo, soberanamente empolgante, da harmonia dos astros e da orquestração das aves, saudando o paimar das florestas, a azevinheira dos valados, ou o azereiro dos jardins!

Porisso, se a Naturêsa homenageia a Arvore, por que não hade a humanidade prestar-lhe o seu culto?

Eu bem sei que o azebre da ignorancia manchou o cristal dóssa consagração á *Festa da Arvore*, alcunhando-a de idólatra e pagã, como se o culto panteista trasladasse a copia fiel das suas comemorações para a amplitude civica que se deu no ano ultimo a essa apoteose. Néscios!...

Não. Procurou-se tão sómente com essa festa infiltrar no sentimento do povo uma veneração pela Arvore, ensinando ás creanoinhas o que ela representa na vida do homem, a riquêsa que se extrai dos seus frutos e das suas madeiras, a função de vida, alegria, economia e higiene que desempenha nos seus multiplos determinismos. Quiz exemplificar-se ao povo a grande obra da Criação, a sua acção benéfica desenvolvendo-se e ramificando-se a todas as camadas sociais, servindo ao pobre e ao rico, sustentando e soerguendo a choupana do mísero ou levantando orgulhoso o palacio do nobre. Isto é: a Arvore abraça os dois extremos, enlaça-os no mesmo amplexo e crava-os ao mesmo sentimento de gratidão.

Vai realisar-se dentro em pouco a *Festa da Arvore*. E' nosso voto que a Povoa, sem distinções, se interesse a valêr por essa consagração. Mesmo para que a tenra raça faça a sua aprendizagem com o exemplo dos progenitores.

Ainda voltarêmos a ocupar-nos da grandêsa civica dêste acto. E, então, farêmos resaltar algumas considerações que induzam á pratica dúm generoso interesse pela *Festa da Arvore*!

Leopoldino Loureiro.

A Confraria do Santissimo

Investigação historica desde 1622

DESCRIÇÃO DAS MEZAS

Mêsas que serviram na Confraria do Santissimo Sacramento, desde a sua fundação, na Capela da Madre de Deus, em 1622:

1896 a 1897—Juiz, comendador Manoel José Gomes Graça, esc. Bernardino José de Faria, tez. Matias Alves da Costa, Manoel Inacio Martins da Nova, Antonio Ferreira, José Antonio de Varconcelos, José Martins do Pinheiro, João Alves Vieira e Manoel Alves Batista.

Bernardino Faria

(ségue)